

OPINIÃO

2026 será o ano em que a regulação definirá o futuro das fintechs

Carolina Utimura (*)

O Banco Central e o Conselho Monetário Nacional anunciaram um novo conjunto de regras para o setor financeiro. O impacto sobre as fintechs, que já está sendo sentido, será profundo, marcando uma nova era de segurança estratégica.

As medidas, que entram em vigor a longo de 2025 e 2026, têm como objetivo reforçar a segurança do Sistema Financeiro Nacional e a prevenção a fraudes, com a lavagem de dinheiro por organizações criminosas. Entre as mudanças, destacam-se o encerramento compulsório de contas irregulares, conhecidas como “contas-bolsão”, e a nova metodologia para o cálculo do capital mínimo exigido das instituições. Mais do que ajustes técnicos, essas transformações representam uma redefinição do papel das fintechs na economia e o início de uma nova fase de maturidade regulatória.

As “contas-bolsão” foram apontadas como um dos principais mecanismos utilizados para movimentar valores ilícitos, muitas vezes, por meio de contas de fintechs abertas em bancos tradicionais. A resolução do Banco Central determina que as instituições identifiquem e encerrem as chamadas “contas-bolsão” (usadas para atividades financeiras irregulares), mantendo a documentação por dez anos. Essa medida busca eliminar brechas que permitiam movimentações de recursos sem o devido respaldo e fortalecer a rastreabilidade das transações.

A decisão chega pouco tempo depois da publicação da instrução normativa da Receita Federal, que equipara fintechs a bancos nas obrigações de reporte de informações financeiras. A partir de agora, essas empresas passam a utilizar o sistema e-Financeira, criado em 2015, para enviar dados de clientes e operações ao Fisco. Essa equiparação não cria novas exigências, mas insere as fintechs no mesmo nível de transparência que instituições financeiras tradicionais, consolidando um movimento de aproximação regulatória iniciado com o avanço do Pix e do Open Finance.

Esse contexto mostra que o Brasil entrou em uma nova etapa da revolução financeira digital, em que inovação e responsabilidade caminham juntas. A agilidade das fintechs, que sempre foi uma de suas marcas, agora precisa estar acompanhada de estruturas sólidas de Compliance. O desafio é grande, especialmente para as startups em fase inicial, que terão de conciliar crescimento, investimento e adaptação a normas mais rigorosas. Ainda assim, é justamente nesse ponto que a tecnologia se torna uma aliada indispensável.

O movimento em prol de mitigar “contas-bolsão” e lavagem de dinheiro não depende apenas de verificação de identidade ou de empresas, mas também da capacidade de entender o comportamento dos usuários. Muitas fraudes e irregularidades não ocorrem por falhas tecnológicas, e sim por mudanças de comportamento de clientes que, em algum momento, passam a agir de forma suspeita, mesmo com consentimento prévio em operações legítimas. É nesse cenário que a análise comportamental e o monitoramento contínuo de transações ganham força.

A elevação do capital mínimo, que agora passa a variar entre 9,2 milhões e 32,8 milhões de reais, é outro ponto de virada. A nova metodologia considera o risco real das atividades exercidas e o uso intensivo de tecnologia, não apenas o tipo de instituição. Essa atualização permite uma avaliação mais justa

e realista da solidez financeira de cada empresa.

Embora o aumento dos valores represente um desafio, especialmente para empresas menores, também traz mais estabilidade e previsibilidade para investidores e parceiros. Segundo a Associação Brasileira de Fintechs (ABFintechs), o prazo de adaptação até dezembro de 2027 é adequado para permitir uma transição planejada e responsável, o que demonstra o compromisso do setor com a segurança e a transparência.

As novas regras foram bem recebidas por associações do mercado, como a ABFintechs e a Associação Brasileira de Banking as a Service (ABBAAS), que veem nas mudanças uma oportunidade para reforçar a integridade do sistema. Essa leitura faz sentido: a criação de critérios mais claros para identificar irregularidades e o uso combinado de dados públicos e privados realmente ampliam a capacidade de antecipar riscos, algo que o setor já vinha demandando.

O ajuste no capital mínimo também segue essa mesma lógica. Embora a ABBAAS destaque que a medida traz mais confiança ao mercado, entendo que seu efeito mais importante é incentivar operações mais maduras e sustentadas por governança consistente. Para quem acompanha de perto a evolução das fintechs, é evidente que esse movimento aponta para um ambiente mais estável, rastreável e comprometido com segurança, e isso beneficia o ecossistema como um todo.

Ainda que as novas exigências impliquem custos operacionais e adaptação tecnológica, elas também criam espaço para diferenciação competitiva. As fintechs que enxergarem a regulação como parte estratégica do negócio tendem a prosperar. Automatizar processos, integrar verificações em plataformas all-in-one e aplicar fluxos de “fricção inteligente” (smart friction), ou seja, controles rigorosos apenas quando realmente necessários, são caminhos para equilibrar eficiência e conformidade. Em um mercado cada vez mais exigente, o Compliance torna-se protagonista, como uma vantagem competitiva de posicionamento.

A experiência internacional confirma que é possível crescer sob uma regulação robusta. O Open Banking europeu, a diretiva PSD2 e os sandboxes regulatórios britânicos mostraram que regras claras e ambientes supervisionados de experimentação são motores de inovação. No Brasil, o Banco Central vem mostrando o mesmo equilíbrio: o Pix e o Open Finance provaram que é possível inovar em escala nacional com segurança. Agora, com a nova regulação, o país dá mais um passo em direção ao amadurecimento do setor.

Em 2026, as fintechs estarão diante de um cenário em que confiança será o ativo mais valioso. A transparência regulatória, a rastreabilidade das operações e a capacidade de mitigar riscos comportamentais serão fatores determinantes para a sustentabilidade do negócio. O futuro não será definido por quem irá crescer mais rápido, mas por quem entender que segurança e inovação não são forças opostas, e sim complementares. A regulação não é um obstáculo à disrupção: é o mapa que mostra onde estão os limites e as oportunidades. Navegar com responsabilidade será o diferencial competitivo da nova era financeira que se desenha.

(*) Sôcia e Head de Customer Success da idwall, empresa de tecnologia que disponibiliza plataforma de gestão de identidade digital e background check – E-mail: idwall@nbpress.com.br

Cuidado: IA pode acabar com sua reputação

Segundo o jornal canadense The Globe and Mail, organizadores de um evento da comunidade indígena Sipekne’katik First Nation, ao norte de Halifax, cancelaram uma apresentação do músico Ashley MacIsaac após a ferramenta “AI Overview” do Google descrevê-lo erroneamente como um agressor sexual.

Vivaldo José Breternitz (*)

De acordo com o periódico, a desinformação surgiu de um dos resumos automáticos gerados pelo software - breves sínteses exibidas acima dos resultados de busca que misturaram a biografia do músico com a de outra pessoa de mesmo nome.

“Foi um erro grave do Google, que me colocou em uma situação perigosa”, declarou MacIsaac ao jornal. Embora o resumo já tenha sido corrigido, o artista afirma que o episódio representa um enorme prejuízo para sua carreira. Ele questiona quantos organizadores podem ter desistido de contratá-lo devido à acusação difamatória ou quantos potenciais espectadores ficaram com a impressão errada sobre ele sem ver a correção.

“É importante que as pessoas verifiquem sua presença online para saber se o nome de outra pessoa aparece associado”, alertou o músico.

Após a revelação da verdade, a Sipekne’katik First Nation pediu desculpas e garantiu que receberá o artista em futuras apresentações. “Lamentamos profundamente o dano



que esse erro causou à sua reputação, ao seu sustento e à sua segurança pessoal”, escreveu um porta-voz em carta divulgada pelo jornal. “É fundamental esclarecer que a situação foi resultado de uma identidade equivocada provocada por falha da IA.”

Um representante do Google, por sua vez, afirmou que “a busca, incluindo os AI Overviews, é dinâmica e muda frequentemente para mostrar as informações mais úteis. Quando surgem problemas como interpretações equivocadas de conteúdo ou falta de contexto, usamos esses exemplos

para melhorar nossos sistemas e podemos tomar medidas conforme nossas políticas.”

Ainda assim, como ressalta MacIsaac, reparar danos à reputação é tarefa árdua. Não há como medir o alcance da desinformação, e permanece a questão: quando uma corporação lança um software com falhas evidentes que causam prejuízos à reputação de pessoas, como estas devem ser ressarcidas?

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Da estrutura do átomo às supercordas: a física em busca da unificação do Universo

O astrônomo e professor Emerson Roberto Perez, do Urânia Planetário, apresenta uma visão atualizada sobre a estrutura fundamental da matéria, mostrando como a física moderna superou a antiga ideia do átomo como elemento indivisível. Hoje, sabe-se que o átomo é formado por um núcleo composto por prótons e nêutrons, cercado por elétrons, partículas de massa muito menor e carga elétrica negativa.

Avanços na física de partículas revelaram que prótons e nêutrons não são fundamentais, mas formados por quarks, partículas que interagem por meio da força nuclear forte. Esses quarks existem em diferentes variedades e propriedades, conhecidas como sabores e cores, e suas combinações explicam a diversidade das partículas presentes nos núcleos atômicos. A descoberta levou a ciência a questionar se os quarks representam o último nível da matéria.

Uma das respostas mais ambiciosas a essa pergunta é a Teoria das Supercordas, que propõe que as entidades mais fundamentais do Universo não são partículas pontuais, mas filamentos energéticos unidimensionais. De acordo com essa teoria, as diferentes partículas surgem a partir dos variados modos de vibração dessas cordas, de forma semelhante às notas produzidas por um instrumento musical. Entre as previsões está o gráviton, partícula asso-



ciada à gravidade e ainda não detectada experimentalmente.

A teoria também indica a existência de dimensões espaciais adicionais além das conhecidas, que estariam compactadas em escalas extremamente pequenas, próximas à Distância de Planck. Essas dimensões extras ajudariam a explicar a unificação das quatro forças fundamentais da natureza, com destaque para a gravidade, que atua em todas as regiões do Universo e pode ser a chave para futuras comprovações experimentais.

Embora ainda distante de confirmação direta, a Teoria das Supercordas ocupa um papel central na física teórica contemporânea por apontar um possível caminho para unir a Mecânica Quântica e a Relatividade Geral. Mesmo sem evidências conclusivas, essas pesquisas já transformaram a forma como a ciência compreende o Universo e reforçam a ideia de que o conhecimento científico está em constante construção, impulsionado por novas teorias, tecnologias e observações.

(https://www.youtube.com/@uraniaplanetario)

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Como uma campanha coordenada de phishing usa Evilginx para atingir universidades americanas

Uma equipe de Threat Intel da Infoblox identificou uma campanha coordenada de phishing que mira pelo menos 18 universidades nos Estados Unidos, impulsionada pelo amplamente utilizado toolkit “Evilginx”. O Evilginx é um framework avançado e de código aberto que utiliza a tática de adversary-in-the-middle (AiTM) para capturar credenciais de acesso e cookies de sessão, permitindo, assim, driblar a autenticação multifator (MFA) utilizada em portais acadêmicos (www.infoblox.com).

Reconhecida como Líder em Serviços Gerenciados de SD-WAN pela Frost & Sullivan

A Hughes Network Systems anunciou o seu reconhecimento pela empresa de pesquisa e consultoria Frost & Sullivan como Líder no seu relatório Frost Radar™: Managed SD-WAN in North America 2025. O Frost Radar avalia os líderes do mercado de SD-WAN gerenciado com base em crescimento e inovação. A Hughes se destacou por sua abordagem de redes híbridas seguras, automação orientada por IA e inovações de plataforma que estão remodelando a forma como as empresas se conectam e operam (www.hughes.com.br).